

O VERME NO CERNE: CRÔNICAS POLÍTICAS DE HILDA HILST

SILVA, Luciana D'Ávila da ¹ (autor)
CORONEL, Luciana Paiva ² (orientador)
lucianaavila.furg@hotmail.com

Evento: Encontro de Pós-Graduação
Área do conhecimento: Linguística, Letras e Artes

Palavras-chave (Hilda Hilst- Literatura Brasileira- Crônica)

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se a uma parte do projeto de dissertação em desenvolvimento dentro do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande, junto ao Mestrado em História da Literatura (FURG) cujo *corpus* básico é a crônica de Hilda Hilst. Neste estudo serão analisadas algumas crônicas expressivas de HH (1930-2004), em que a autora reflete de forma mordaz sobre a situação política brasileira e suas indisposições.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de estudo de cunho bibliográfico. O livro **Cascos & carícias & outras crônicas** (HILST, 2007), que reúne as crônicas de Hilda Hilst, publicadas entre os anos 1992 e 1995, no **Caderno C** do jornal **Correio Popular**, da cidade Campinas, é objeto da análise que será feita. A partir das crônicas selecionadas que abordam a temática política, analiso o modo peculiar como a autora desenvolve a sua escrita, no espaço cotidiano do jornal.

3. RESULTADOS e DISCUSSÃO

O presente trabalho de pesquisa está em processo de construção, trata-se de uma síntese preliminar, obtida após o início da pesquisa.

As crônicas de Hilda Hilst, dentre todas as suas obras, chamam à atenção por sua ousadia e perspicácia. A autora transformou o **Caderno C** -do jornal **Correio Popular**- em um espaço de múltiplas discussões, de cunho social e político, sempre com bom humor e ironia.

Hilst sempre deixou claro que o seu objetivo principal ao escrever crônicas para o jornal era divulgar para o público as suas obras e desvelar o seu olhar poético sobre as mazelas do mundo. Discutir sobre as questões políticas sempre causou certo desconforto na autora, como ela revela na crônica "O verme no cerne": "Gente!!! Se quiserem me chatear seriamente é só começar a falar de política & negócios. Há tamanha escroteria, tamanha torpeza no cerne desses dois assuntos..." (HILST, 2007, p. 63).

Apesar da repulsa, quando se sentiu incomodada com a situação política do país, viu na crônica um espaço privilegiado para dar voz a sua insatisfação. Hilda tanto protesta de modo genérico (implícito), quanto alfineta diretamente figuras

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Bolsista Capes.

²Professora Doutora em Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), lecionando na graduação do curso de Letras e Pós-Graduação em História da Literatura.

13ª Mostra da Produção Universitária

Rio Grande/RS, Brasil, 14 a 17 de outubro de 2014.

políticas em suas produções. Por exemplo, na crônica “Hora dos tamancos” a autora não explicita quem são os ladrões, mas devido às circunstâncias vivenciadas no país no momento da escrita, podemos perceber que os sujeitos da crônica são os políticos. Vejamos: “Roubam bilhões, trilhões, mas se algum pobre coitado roubar um pão, o cara sai correndo atrás e cadeia nele” (HILST, 2007, p. 67). Nessa crônica Hilst denuncia o enriquecimento ilícito desses agentes públicos, enquanto a população vive na miséria, lutando para sobreviver.

Na crônica “Teje Presa!”, a autora menciona os altos salários e as regalias dos políticos PC Farias e Fernando Collor de Mello, contraste com a situação dos cidadãos brasileiros:

Diante da situação caótica miserável assustadora paupérrima de todos nós(menos daqueles que todo mundo sabe quem são: PC Farias, Collor, banqueiros- é o cúmulo um banco te cobrar quarenta e seis por cento de juros!-sequestradores, deputados que têm verba de mais de duzentos milhões de cruzeiros para tratar dos dentes- os meus estão caindo- e ainda conseguem empréstimos lá mesmo na Câmara e sem juros- (!!!)- e acham o salário de mais de cem milhões de cruzeiros um lixo...)”(HILST, 2007, p. 83).

Apesar de ter buscado a crônica como meio de comunicação direta como o público, o modo ácido e irreverente com que escrevia causou certo desconforto em alguns leitores. A mesma relata em entrevista:

Comecei a gostar [de escrever crônicas], mas, como eu falava tudo o que pensava, as pessoas mandavam cartas medonhas para o jornal. Diziam coisas horríveis, ligavam pedindo para o *Correio* cortar minha coluna. Telefonei para o jornal perguntando se eles queriam que eu saísse. ‘Não, pelo amor de Deus. O *Correio* está vendendo muito só por causa do você escreve’, me responderam. (HILST in DINIZ, 2013, p. 206)

Um dos motivos pelos quais Hilda não cativou boa parte dos leitores foi devido à utilização artística da palavra em um meio onde a escrita é menos ousada. A autora transporta para crônica sua peculiaridade mais essencial: a inconformidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crônica hilstiana abre um leque de possibilidades para investigação, pois Hilda demonstra uma pluralidade de olhares sobre o mundo. O viés político é apenas uma das facetas presentes na obra dessa autora por tantos motivos considerada maldita na literatura.

REFERÊNCIAS

DINIZ, Cristiano (org.). **Fico besta quando me entendem**: entrevistas com Hilda Hilst. São Paulo: Biblioteca Azul, 2013.

HILST, Hilda. **Cascos & carícias & outras crônicas (1992-1995)**. São Paulo: Globo, 2007.